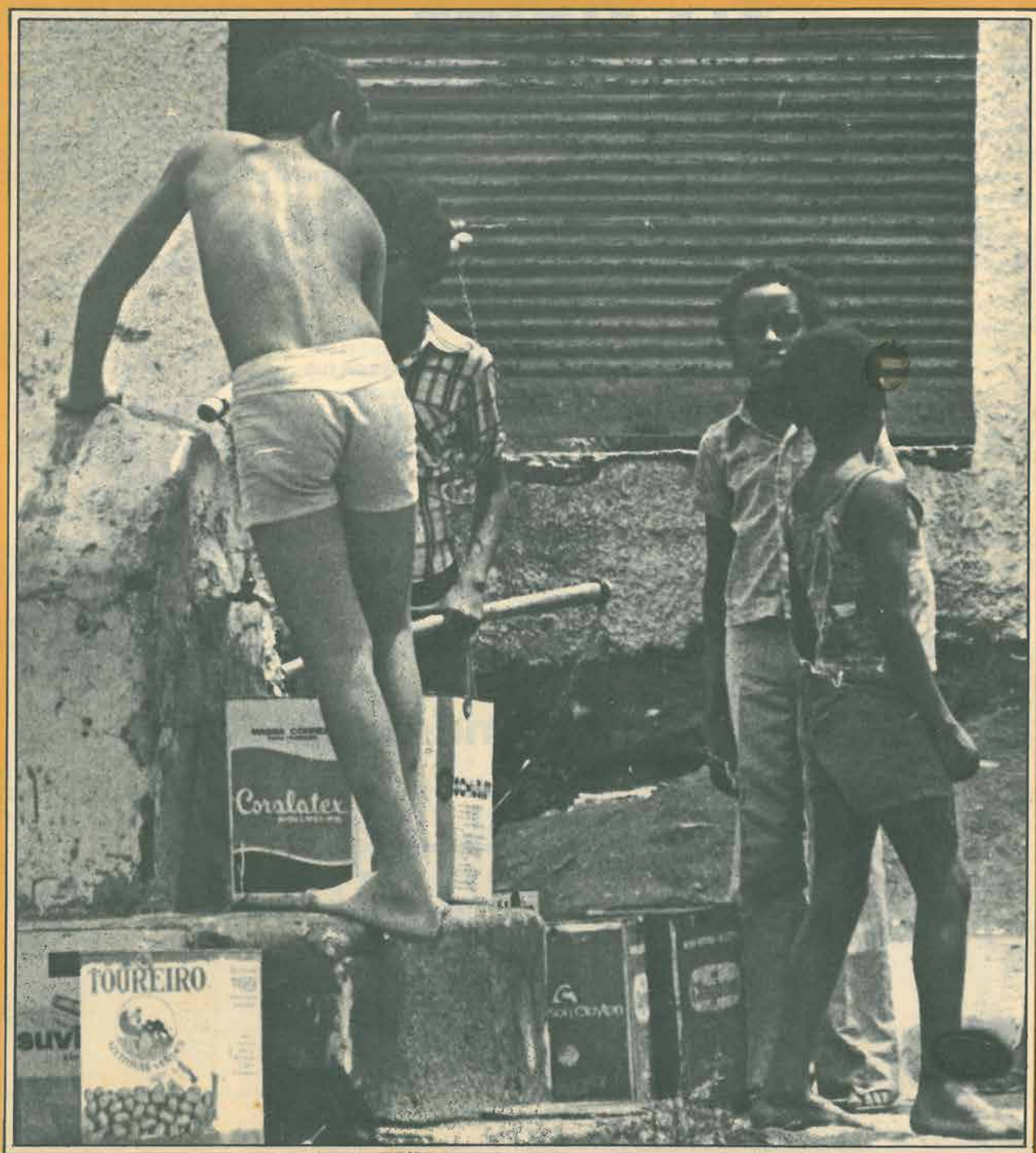




MAIO DE 1979 Nº 25

# a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E  
MESTRES DO COLÉGIO  
S. VICENTE DE PAULO-RIO



# **MENINO CHORANDO NA NOITE**

Na noite lenta e morta, morta noite sem ruído, um menino chora.  
O choro atrás da parede, a luz atrás da vidraça  
perdem-se na sombra dos passos abafados, das vozes extenuadas.  
E no entanto se ouve até o rumor da gôta de remédio caindo na colher.

Um menino chora na noite, atrás da parede, atrás da rua,  
longe um menino chora, em outra cidade talvez,  
talvez em outro mundo.

E vejo a mão que levanta a colher, enquanto a outra sustenta a cabeça  
e vejo o fio oleoso que escorre pelo queixo do menino,  
escorre pela rua, escorre pela cidade (um fio apenas).  
E não há ninguém mais no mundo a não ser êsse menino chorando.

**Carlos Drummond de Andrade**

---

---

**ANO  
INTERNACIONAL  
DA CRIANÇA**

---

---

# a chama

## EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241 – Tel.:  
285-0621 13  
Laranjeiras – 20.000 – Rio de  
Janeiro (RJ).

### CONSELHO EDITORIAL:

Maria da Glória e Roberto Carlos  
Fernandes Lopes, Vera e José  
Américo de Carvalho de Mello,  
Maria Cecília e Eduardo José  
Cradock, Cília e Apoliano Vale  
Cachada, Mercedes e Gilberto  
Luíz Heilborn.

### EDITORES:

José Nilo Tavares e Roberto  
Gomes da Costa.

### SECRETÁRIO DE REDAÇÃO:

Marcelo Camurça

● Os artigos assinados são da  
responsabilidade dos autores.

● Circulação dirigida: 2.000  
exemplares.

Produção – EDITORA E  
DISTRIBUIDORA ÊXITO  
LTDA.

Rua Barão do Amazonas,  
572/802. Tel.: 719-1379

Impressão  
EUROPA

# EDITORIAL

1977, um ano de posse, entusiasmo,  
vontade de fazer as coisas, bola pra  
frente, coragem, enfim muita realização.  
Promovemos excursões, debatemos  
calorosamente sobre a educação dos  
nossos filhos, fizemos a Festa Junina  
que, como sempre, foi um sucesso, o  
Festival do Sorvete, que foi o dia da  
festa da criançada do primeiro grau – o  
segundo grau também foi um grande  
apreciador dessa promoção –  
promovemos passeios com funcionários,  
participamos ativamente da  
comemoração do Natal do Colégio.  
Emfim, tantas outras atividades tiveram  
participação direta ou indireta da  
Diretoria da APM no ano de 1977, além  
do aumento do patrimônio com a  
confeção de barracas e a iluminação do  
Campo de areia. À Chama também foi  
dada uma nova diretriz, com o auxílio  
de uma equipe de pais, embora tenham  
surgido muitos problemas que  
dificultaram a previsão da publicação de  
todos os números.

Aí vieram as férias, durante as quais  
trabalhamos no planejamento de 1978.  
Voltamos às nossas atividades em fins de  
fevereiro, quando promovemos a  
recepção aos novos pais de alunos. Foi  
uma noite grandiosa para a APM que  
conseguiu mais de 30% de presença dos  
associados à reunião, coisa inédita, da  
qual quem participou poderia ser  
considerado "apresentado" à filosofia do  
São Vicente e questionado a seu  
respeito. A reunião foi tão produtiva  
que a maioria presente se dispôs a voltar  
para uma segunda reunião do mesmo  
estilo e continuar o debate.

Ficamos contentes, nós e o diretor do  
Colégio, Padre Almeida, achando que os  
pais, finalmente, haviam compreendido  
a necessidade de se manterem sempre

entrosados com aquilo que o Colégio  
onde seus filhos estudam lhes oferece. O  
nosso objetivo, após um ano inteiro de  
lutas e umas férias de verão  
praticamente dedicadas a isso não  
tinham sido em vão, pensamos.

Promovemos então a segunda  
reunião do ano, dando continuidade  
àquela. O auditório contou com muitas  
presenças, mas apenas 2% tinham  
participado da primeira reunião. Não  
houve continuidade, evidentemente, pois  
o grupo era totalmente diferente e não  
havia tomado conhecimento do que se  
tinha passado anteriormente. Qual não  
foi nossa desilusão...

Sobreveio a queda do entusiasmo da  
Diretoria.

As atividades sociais prosseguiram  
normalmente; as excursões, passeios e  
festividades foram realizados, porém as  
reuniões de aprofundamento, que  
seriam o maior objetivo durante a nossa  
gestão, não mais se realizaram.

Hoje lamentamos a crise de 1978.  
Quisemos, porém, levar a todos vocês os  
motivos e causas dessa crise, não com  
o intuito de nos desculpar, mas com a  
intenção de dar uma satisfação àqueles  
que, como nós, fazem parte desta  
Associação.

Fazemos votos para que a nova  
diretoria comece com tanto ou mais  
entusiasmo como o que nós iniciamos,  
porém não esmoreça e tenha a virtude da  
humildade para superar as crises que  
porventura venham a ocorrer.

O nosso muito obrigado àqueles que  
de fato nos auxiliaram durante esses  
dois anos, professores, orientadores,  
pais, funcionários e alunos.

A Diretoria.

## REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO – RIO ANO VI – MAIO DE 1979 – Nº 25

### ÍNDICE

Carlos Drummond de Andrade .....	2
Editorial .....	3
Carta do leitor .....	4
O S. VICENTE visto pelos seus integrantes .....	5
Educação libertadora em questão .....	8
Mudanças no vestibular .....	11
Vestibulandos do S. VICENTE .....	15
Ano Internacional da Criança .....	16
Campanha da Fraternidade .....	18
O encontro de Puebla .....	19
Opções dos pais na APM .....	20
Participação dos pais .....	20
A censura está morta? .....	21
Educação libertadora .....	22
Manuel Bandeira .....	23

# CARTA DO LEITOR

## Ano da Criança... POBRE

"Prezados companheiros da CHAMA, Em primeiro lugar, meus parabéns pelo nº 24 da revista. Foi, a meu ver, o melhor número de todos os tempos, não desmerecendo os outros. Continuem neste caminho.

O objetivo principal dessa carta é o de encaminhar algumas reflexões sobre os últimos eventos, no campo dos encontros e das comemorações. O ano que se inaugurou, está sendo marcado por dois acontecimentos: o encontro de Puebla, no México e a sua marca de Ano Internacional da Criança.

Apesar de os jornais brasileiros terem torcido escandalosamente a realidade do encontro de Puebla, procurando transmitir ao leitor uma impressão de divisionismo e luta ideológica existente entre os bispos —inexistentes—, a gente depreendeu por palestras que estão sendo realizadas por D. Luciano e Luiz Alberto Gomes de Souza, o espírito real do encontro.

A gente depreendeu que a opção de Puebla reforçou a de Medellín. A Igreja na América Latina continua voltada — e agora com maior disposição ainda — para

os pobres isto é fundamental. Dizer que a Igreja está voltada para os pobres, em nossa pobre América, significa dizer que a Igreja está voltada para a transformação, a libertação.

E também está aí o Ano Internacional da Criança, decretado pela ONU, em boa hora. As crianças, e principalmente, o espírito da criança, são a grande esperança dos nossos dias. Mesmo que esse espírito seja forjado pelos adultos. Não faz mal: a força do que nasce arrostado, dentro de certas condições, a inércia do que envelhece.

Agora, o objetivo de minha carta: no Brasil, vamos transformar este ano da Criança num Ano da Criança Pobre? Atenciosamente

Nelson Nemos. "

## Em defesa do Cosme Velho

"Prezados Diretores da APM,

os meus filhos estudam no São Vicente e eu moro no Cosme Velho, perto do Colégio. Filiei-me, igualmente, à Associação dos Moradores e Amigos do Cosme Velho, entidade que tem por objetivo preservar o nosso bairro da devastação dos "poderes públicos e privados" que assolam a nossa cidade. Não só

preservar, mas acrescentar, isto é, lutar pela implantação de um sistema decente de transportes, de iluminação, etc.

Através desta cartinha venho fazer um apelo à revista "Chama" no sentido de que ela se engaje, da maneira que for possível, nesta luta que deveria estender-se a todos os bairros da nossa querida e maltratada cidade do Rio de Janeiro. Acho que os moradores dos

bairros são uma força capaz de enfrentar a calamidade dos ambiciosos que só querem lucros, e das autoridades que só querem "sombra fresca".

Por favor, vejam o que vocês podem fazer em favor do bairro em que se localiza o "São Vicente", pois afinal de contas o bairro é a unidade ecológica fundamental das nossas vidas.

Cordialmente,

Vera de Paula".

# O São Vicente

## visto pelos seus integrantes

---

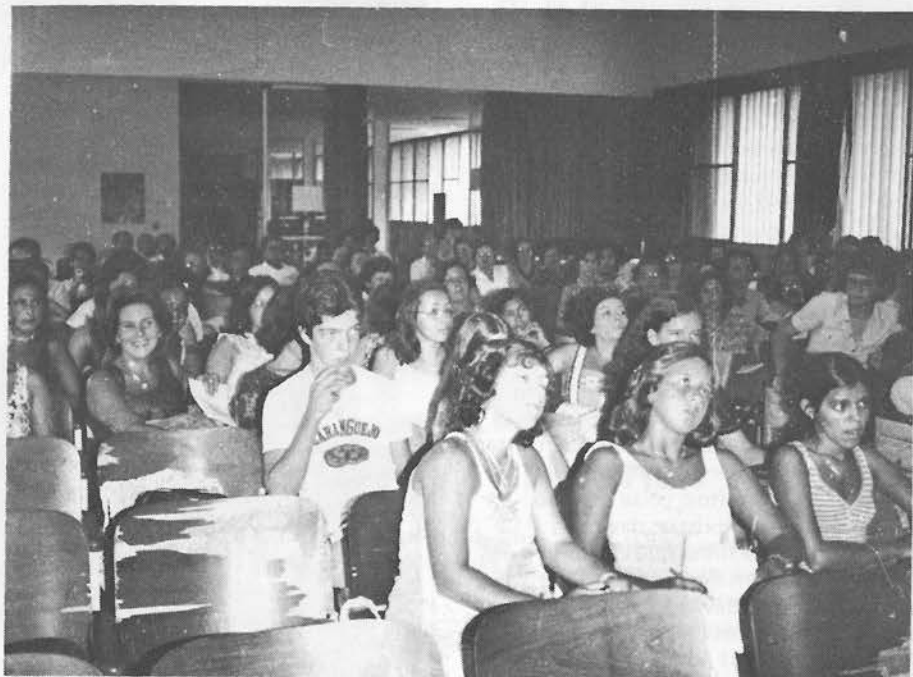
Nos 20 anos do Colégio, os mais antigos contam suas impressões, suas vidas, enfim, dizem sobre o São Vicente de ontem e de hoje. Vão falar aqueles que, nas suas diversas funções, ajudaram a construir o São Vicente e que hoje vivem e fazem o colégio.

---

**REGINALDO "Chocolate" — Motorista** — O São Vicente era uma família integrada em termos de alunos, professores, funcionários. Mas o S.V. teve um crescimento muito rápido, um crescimento horizontal e com esse crescimento rápido, não se pode acompanhar a integração. O S.V. mudou: o de ontem era, como disse, uma família; hoje o S.V. tornou-se uma empresa; dentro dessa nova estrutura estão todos lutando para que se mantenha o espírito de comunidade. Eu trabalho aqui como motorista, sempre atrás de um volante de uma Kombi. Inclusive eu posso dizer que consegui melhorar nesta casa. Quando entrei não tinha tanta esperança, não, mas hoje tenho uma filha estudando no colégio, consegui um carrinho também com a ajuda dos colegas da casa.

### SECRETÁRIA

**E. Paula — secretária** — Eu entrei no S.V. em 1º de fevereiro de 1959, portanto, antes de começarem as aulas no Colégio. Eu fiz a matrícula nº 1. Tenho, portanto, 20 anos de casa, de vivência nesta casa que eu considero minha segunda família. Realmente houve muitas mudanças. Nós começamos com trezentos e poucos alunos e hoje temos dois mil alunos entre 1º e 2º graus e supletivo. Há uma diferença também: o S.V. nasceu só com o primário até o admissivo, semi-internato masculino. Depois começaram as mudanças: misto, esternato... As



orientações mudaram, porém, a filosofia do Colégio, acho, foi sempre a mesma, antes mesmo da implantação da Educação Libertadora. O S.V. desde os tempos do Padre Horta foi inovador, criador, etc. As mudanças foram na parte de funcionamento. Nosso trabalho é de rotina, mais na parte de registro, de escrituração, de histórico da vida escolar. Eu lembro de um fato pitoresco que conto sempre que falo de S.V. Foi sobre o primeiro dia de funcionamento. Ninguém conhecia ninguém. Eram trezentos e poucos alunos, trazidos para uma escola estranha, onde não conheciam ninguém, nem o professor, nem o próprio colega. Os endereços eram entregues às acompanhantes dos ônibus e uma delas, pelo endereço, apanhou uma criança que estava esperando o ônibus. Quando a criança chegou, olhou e disse: "Meu colégio não é esse!" Ele veio por engano, porque as

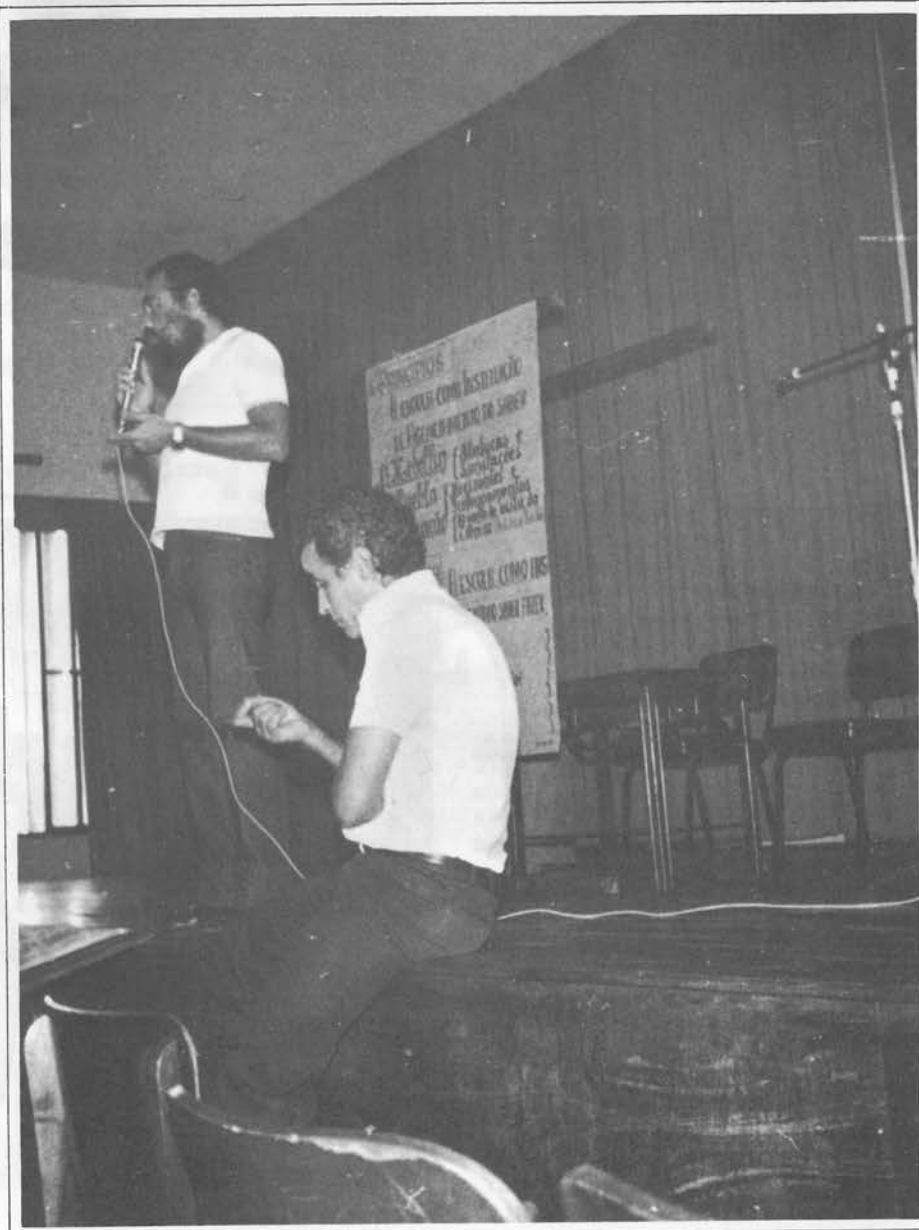
acompanhantes não conheciam os alunos e estes não conheciam o ônibus sequer. Os recreios eram nas salas de aula; porque as obras do pátio não estavam concluídas. Isso são coisas do princípio do colégio, de 20 anos atrás. Sobre minha vida aqui? Aqui comecei, aqui casei, tenho dois filhos estudando aqui. É um bom colégio, tanto pelo lado da instrução como pelo lado da formação que a gente não tem tempo de dar quando se tem que trabalhar.

### COORDENADOR

**Guimarães — coordenador da disciplina** — O S.V. é um colégio jovem, completa 20 anos de existência. Apesar da pouca idade, conquistou para si um nome respeitado, ficando em pé de igualdade com outros estabelecimentos de renome. Posso falar destes 20 anos com muita segurança, pois tenho quase

isso de trabalho na casa. O esforço que aqui se fez para que o nosso colégio trilhasse um caminho diferente, valorizando o aluno, dando-lhe oportunidade para um crescimento interior, superou todas as dificuldades que iam surgindo e fez com que os primeiros frutos fossem logo aparecendo. Um testemunho disso são nossos ex-alunos que nos procuram e agradecem o que receberam, o alicerce que aqui receberam para suas vidas, dando-lhes segurança para enfrentar uma vida difícil aí fora. Eu entrei no S.V. no princípio de 1961, na função de Mestre de Classe. Como o colégio era semi-internato, nossa função era ficar com os alunos num estudo dirigido na parte da tarde. As aulas eram dadas de manhã. Era difícil tanto para o aluno quanto para a gente, pois colocar um aluno um dia inteiro no Colégio é difícil. Com o tempo os Colégios foram notando que não havia nem clima nem ambiente para semi-internato, então o S.V. passou a funcionar em dois turnos: o da manhã e o da tarde. A impressão que eu tinha quando aqui entrei era de que o S.V., que estava começando, procurava imitar os outros colégios, tanto na parte do estudo quanto na parte da disciplina. Mas, aos poucos, fomos notando que não era esse o caminho, A gente deveria seguir outro caminho que fizesse com que o aluno se sentisse à vontade, que pudesse conversar com a gente, reclamar com a gente, defender seus direitos, coisa que até àquela época não existia: dava-se a ordem e o aluno tinha que cumprir, mesmo que quem desse a ordem estivesse errado. E fomos devagar nesse tipo de disciplina. Estamos longe de alcançar o ideal, mas estamos no caminho certo. Eu sempre fui favorável a que o aluno do 2º grau não usasse uniforme. Quanto ao 1º grau eu sempre me esforcei por um tipo de uniforme menos rígido. Quanto ao cigarro no 2º grau, eu acho normal; no 1º grau, entretanto, sou contra. Houve uma polêmica, eles tentaram vê se conseguiam para a 8ª série o uso do fumo. Aí o Colégio fez uma estatística entre os pais, mas os próprios não foram favoráveis.

Como fato pitoresco, em 63, tínhamos dois alunos, na época do semi-internato, que eram gêmeos e parecidíssimos. Era praticamente impossível distinguir quem era Paulo, quem era João. Numa tarde, Paulo, que tinha mais facilidade que o irmão, fez rapidamente os deveres e trocou de sala com o irmão e fez também os deveres do irmão. Isso passou despercebido tanto por mim quanto pelos professores da época. Ninguém notou. Só fui saber mais tarde pelo próprio Paulo, quando de visita ao colégio.



## AUDIO VISUAL

**Dequinha — Audio-visual** — Eu entrei em 1959, 15 de maio, para acompanhante de ônibus. Em 60, fui para disciplina e fiquei lá até 66, quando passei para o áudio-visual, pois houve necessidade de criá-lo devido a material que sumia. Com o começo do audio-visual só havia projeção de filmes. O audio-visual é bem usado hoje, de uns tempos para cá: tem slides da História da Arte do Brasil, tem tudo aqui. Temos também agora uma aparelhagem mais sofisticada como aquele spin-light que é o aparelho mais recente; temos aparelhagem de gravação. Aqui somos mais um serviço, prestamos mais serviço do que um áudio-visual completo. Nós também

apanhamos filmes em Conselhos, na Embrafilme, no Serviço de Educação do Estado para acompanhar as matérias. Trabalhamos também com o som do auditório. No auditório, antigamente, existia uma aparelhagem pequena que era só um amplificador. A aparelhagem nova foi feita pelo prof. Migdon, de Eletrônica e seus alunos da época. Foi feita em 73 para um festival e em 74 o 1º Sarau foi também com esta nova aparelhagem, que, por sinal, já está obsoleta, mais pelo mau uso que pelo tipo de aparelhagem. O microfone vive arrebatado, pois é muito usado e a minha luta com ele é eterna, não termina nunca.

## MIMEOGRAFIA

**D. Olga — mimeógrafo —** Eu cheguei no Colégio na primeira semana de 59 para substituir uma professora. Dei aulas até 62, quando fui trabalhar como auxiliar da Prof. Alice, batendo à máquina todos os trabalhos extras para as turmas, rodando o mimeógrafo. Agora, as provas que eram mimeografadas eram só as semestrais. As outras eram feitas num bloco de provas, à mão, ditadas pelos professores. Só existia um mimeógrafo. Somente as provas semestrais. As provas do Ginásio eram batidas na secretaria do Colégio pela Paula, Vilma, etc., e rodadas no mimeógrafo. Em 66 foi criada a mecanografia, naquela mesma sala onde eu trabalho, só com o mimeógrafo. Trabalhavam umas moças lá. Havia também um mimeógrafo a álcool que a Prof. Alice cedeu. Em 70 houve uma modificação na mecanografia e durante as férias fui convidada para chefiar a mecanografia do colégio inteiro. Algumas meninas vieram trabalhar comigo e estão comigo até hoje: são a Marli e Auxiliadora. Os outros foram mudando. Hoje eu tenho a Idalina que está comigo há cinco anos, a outra Marli e o seu Nilton, que entraram no ano passado. Além do serviço de trabalhar no mimeógrafo, fiz um pouco de audiovisual, o mesmo trabalho da Dequinha hoje. Isso foi no tempo do semi-internato. A mecanografia hoje em dia abranje o Colégio inteiro e a parte de rodar da casa central; o que aumentou foram as provas do 3º ano do vestibular, tipo Cesgranrio: é uma por semana. Com relação às apostilas, devido à feita maior de livros, estas diminuíram. No Colégio, nós abrangemos o 1º grau, o 2º grau, o profissionalizante, o Supletivo e os trabalhos extras da casa, circulares, etc. O Grêmio dá um trabalhinho danado. Eles batem fora e nós rodamos tanto a "Semente" quanto o "Comunicado". O que nós batemos e rodamos é a "Voz". Eu acho que o Colégio tem crescido muito, e está ficando pequeno para o seu crescimento. Haja visto o anexo que estão construindo aí do lado. Eu tenho saudades do começo do Colégio, a gente trabalhava muito mas era gostoso, eram poucas turmas, poucos professores, a gente se entendia mais, havia mais entendimento no ponto de se conhecer melhor. Hoje o Colégio está muito grande: turno da manhã, tarde, noite, então você às vezes conhece as pessoas por ouvir falar, que fulano é fulano, você dificilmente vê a pessoa. A gente conhecia todos os alunos mesmo que não fossem alunos nossos.

Havia um entrosamento maior, o que se quer hoje, aquele entrosamento maravilhoso! Com uma casa grande é difícil, por isso eu tenho saudades do começo do colégio.

## ADMINISTRAÇÃO

**D. Dinah - ASSESSORA DA ADMINISTRAÇÃO —** Em junho agora faz 8 anos que eu sou funcionária do Colégio São Vicente. Eu trabalho na Administração, como assessora da Administração. Entrei aqui só para fazer um trabalho, contratada. Quando terminei o serviço, o Pe. Almeida achou necessário contratar-me fixamente para ajudar o administrador que estava super abafado, quase com estafa, o colégio crescendo muito, etc. Precisava-se também de um toque feminino no colégio. Colégio de padres não é um colégio muito ligado a detalhes. Então eu me lembro que quando cheguei ao 1º andar, aquilo parecia uma "favelinha". Não se tinha condição de dar aula lá em cima. Então eu comecei arrumando as coisas devagar; comecei a articulação com a APM, instituí o cafezinho nas suas reuniões, ingressei na Associação das Senhoras da Caridade junto com as mães do Colégio. Quanto ao meu crescimento, quero deixar bem claro que, quando entrei aqui, era uma pessoa e hoje sou outra. Cresci interiormente, procurei todas as palestras, os cursos que o Colégio proporcionou aos funcionários. Me lembro que fiz um muito bom com o Luiz Carlos, um padre português; foi de muita valia para mim. E a gente vai crescendo e entendendo o que é uma Educação Libertadora, embora eu ache difícil aceitá-la por toda a nossa formação. Inclusive aplicamos a Educação Libertadora na zeladoria. Foi um caso onde um funcionário cometeu um ato não muito digno que eu tive que tomar uma atitude. Então eu não tomei essa atitude sozinha. Reuni o pessoal e deixei o pessoal fazer um voto totalmente livre. Eu tenho certeza que isso foi por causa dos cursos e palestras que eu fiz, porque até então eu não tinha esse amadurecimento para deixar um pessoal humilde ser ele mesmo dentro das suas limitações. A administração do S.V. é bastante absorvente; é uma casa que minuto por minuto, reclama da administração toda a cobertura, tanto na parte humana, pois eu acho muito importante termos bom relacionamento com os professores e com os alunos (apesar de não ser uma área diretamente nossa) mas sempre vem pedido do auditório, do refeitório, painéis por parte dos alunos, inclusive meu apelido é "quebra-galho", pois estou sempre ajudando no que posso e no que não

posso. Agora, quanto administrar uma casa de muito movimento como é o S.V., praticamente nós paramos 12 horas e recomeçamos às 6 da manhã. Às vezes foge da nossa alçada saber de tudo. A administração dá cobertura, supre todos os departamentos do S.V. Fico feliz por trabalhar no S.V., porque amadureci e cresci, porque tenho um emprego que deixa a gente crescer interiormente.



## GINÁSTICA

**Zé Eugênio — Ginástica do 1º grau I —** Quando cheguei aqui na escola, nesse tempo ainda se estava na construção, no acabamento. Fiquei na casa central, recebendo os móveis e ajudando no exame de seleção de alunos. Quando veio a inauguração, trabalhei como mestre de classe, no ônibus, etc. Não tínhamos faxineiras nesse tempo, então nós fazíamos de tudo. Prá você ver, a água era dada em copos aos alunos, trazida em panelões da casa central, pois não havia bebedouros no colégio. Só tínhamos essa ala coberta, pois o pátio do recreio era uma vala. Mais tarde, com o tempo, as coisas foram melhorando. Continuei como mestre de classe, fiz um curso no Estado "Como lidar com adolescentes" ao tempo ainda do Pe. Horta e depois, mais tarde, fiz um curso de Educação Física na Secretaria de Educação com as aulas práticas no Forte de São João. Isso D. Alice e Pe. Almeida me proporcionaram para que eu viesse dar aula de ginástica para o primário. Cada ano o Colégio vai melhorando e progredindo. Como começamos há 20 anos atrás, era formidável a educação, a maneira da gente lidar com os meninos, mas hoje isto está superado e continuamos na renovação.

Foi realizada sábado, 23 de março, uma reunião geral do Colégio, para se debater a Filosofia Educacional do São Vicente e a sua prática. De concreto tiraram-se algumas medidas como o calendário das atividades extra-classe e outras propostas, porém muitas dúvidas ainda subsistem: de como aplicar uma Educação com Liberdade? de como adequar mais precisamente os princípios filosóficos às práticas na sala de aula, na zeladoria, como os funcionários etc. Como contribuição a esse tema tão palpitante, difícil mas sempre presente, trazemos duas questões importantes para o debate: um artigo da Diretoria do Grêmio, colocando o problema de sua autonomia e uma entrevista com Aluizio de Oliveira, coordenador do SOE, acerca das dificuldades da teoria e prática da Educação Libertadora no São Vicente hoje. Assim, nós, da CHAMA, esperamos lançar questões que se incorporarão à constante busca para uma Escola melhor, mais justa e mais democrática.

Entrevistamos o coordenador da SOE Aluizio de Oliveira que recentemente escreveu um trabalho acerca da Filosofia Educacional do São Vicente, suas dificuldades, suas conquistas e sua aplicação no momento atual.

**CHAMA – É justo falar de crise da Educação Libertadora como método pedagógico educacional no São Vicente ou o momento é de redefinição, de aprimoramento?**

**R –** Crise? Por que não? Se não se pretende escamotear a realidade, pode-se falar de crise, não apenas no São Vicente, mas no interior da própria estrutura da instituição Escola. A Escola como a temos hoje foi uma resposta a uma dada situação histórica. A História evoluiu, a sociedade evoluiu, o mundo evoluiu, e a escola tem permanecido mais ou menos a mesma, quase intocada. Portanto, obsoleta. Não responde mais à demanda de hoje.

Há onze anos respondendo aos postulados de Medellín (68), o Colégio São Vicente se propôs um reajuste de seus componentes estruturais. Conseguiu muita coisa. Fez alguns progressos. A nível ideológico, pode-se falar que efetuou mudanças substanciais, gerando os impasses e os conflitos que conhecemos e continuam a desafiar a imaginação e a criatividade de todos nós.

Claro que isso implica na redefinição de objetivos e no aprimoramento das técnicas pedagógicas. Creio que hoje, no São Vicente, tem-se bem a consciência

# EDUCAÇÃO LIBERTADORA REPOSTA EM QUESTÃO





dessa necessidade. As pessoas que fazem a instituição assumem hoje a consciência dessa responsabilidade e, sem histerias, buscam as saídas.

**C — O São Vicente como instituição sempre esteve ligado à sociedade como um todo sofrendo as várias ingerências (vestibular etc.) a que se deve falar no "oásis da educação democrática" que o instrumental da Educação Libertadora nos proporcionou aqui dentro! Isto é verdade?**

**R —** Naturalmente os fatores de retardamento estão também além dos muros da instituição. A Escola sobrevive atada aos tentáculos da burocracia e das exigências sociais, políticas e econômicas. Daí, como você diz, se originam grandes e graves contradições. Neste momento, por exemplo, estamos assistindo a maciça mobilização dos professores que, como categoria profissional expoliada, anseia e reivindica por uma remuneração justa e condizente com a grandeza e dignidade de seu trabalho. Um profissional mal remunerado mal pode sustentar sua família. E como é que se vai exigir desse "profissional-salário-mínimo" tempo e dinheiro para estudar educação, comprar livros, voltar à universidade para os cursos de aperfeiçoamento, etc., etc.,? E como, sem o professor, aperfeiçoar o sistema?

Da parte do aluno e de sua família, há todo um condicionamento cultural que "fabrica" as expectativas com relação ao "produto" final: o vestibular, a universidade, o diploma, o anel de doutor.

E, efetivamente não é esse o objetivo, ou pelo menos, não é esse exclusivamente o objetivo almejado em educação. Se o fosse, as "máquinas de ensinar" seriam muito mais efetivas de aprendizagem que a sala de aula.

O que acontece, porém é que, inserida no contexto em que está, a Escola se "empresaria". E, como em toda Empresa, se insere no contexto do "Capitalismo Mundial Integrado". Aí ela se transforma numa grande usina de modelagem de gente, de indivíduos manipulados e explorados pelo "Sistema", cujos mentores representativos do poder, cujos "patrões" vão ser identificados naqueles que, em última análise, detêm o poder: a administração, a direção, a coordenação, os professores e os inspetores. Os alunos, por seu turno, serão o "produto" que, mais tarde, vão ocupar as prateleiras dos supermercados do consumo ideológico. Helas!

**C — A propósito, as atividades extra-classe, Grêmios, tudo isso existe, mas você acha que a coordenação, direção, professores, não assumem uma postura**



**defensiva quando são questionados pelos alunos ou pelo grêmios, seu representante? Isto não é resquício de autoritarismo? O que você acha da autonomia do grêmios?**

**R —** No agenciamento de poder a que acabo de me referir, estabelece-se uma dialética que engloba fatores de toda ordem: pessoais, sociais, políticos, econômicos, psicológicos, (conscientes e inconscientes), históricos e até - veja você - os pedagógicos. Essas forças envolvem todos os componentes da estrutura institucional, formando uma cadeia complicadíssima de vetores, tanto no plano horizontal, como no vertical. É muito difícil discriminar o que é, por exemplo, autoritarismo e o exercício funcional da autoridade, cuja importância é capital para o funcionamento do organismo escolar e para a manutenção de sua integridade.

Em outra ocasião tive oportunidade de salientar a importância e a necessidade das "imposições funcionais", como condição até da preservação da saúde física e mental do educando.

Ocorre, porém, que nossas condições históricas atuais, em termos de organismo social e político, não são muito assépticas. E fica fácil confundir, nesta hora, norma com arbítrio; lei com imposição; sanção com tortura; comando com opressão; proibição com repressão; sugestão com castração; diálogo com polêmica, numa palavra, autoridade com autoritarismo despótico.

Creio que a questão da autonomia ora levantada pelos alunos do grêmios deva ser enfocada dentro deste contexto mais amplo. Os pontos de conflito e as áreas de tensão têm suas raízes lançadas nas camadas mais profundas em que se processam os

mecanismos macro-sociais. Por outro lado, é preciso considerar que, em última análise, o aluno também é o "patrão nessa história. Afinal, vem de seus pais o dinheiro que paga o salário dos funcionários da escola.

A autonomia ora desejada e reivindicada é poder almejado, é força reivindicada, como para fazer face ao poder e à força que está nas mãos das coordenações, professores, etc. E isto não é percebido de maneira consciente.

Creio que é necessário, para superar esses pontos de atrito, em primeiro lugar tornar conscientes esses fatores que estão no inconsciente da instituição. Deixar que eles aflorem e fornecer-lhes vias competentes para sua descarga. Em segundo lugar, clarificados esses aspectos e ambos os lados despojados do "medo de perder os terrenos conquistados" sentar lado a lado na mesa do diálogo corporativo e cooperativo e redefinir o óbvio.

Veja, a autonomia que o grêmios exige é para defender as legítimas reivindicações dos alunos. Ora, a Escola que desde o princípio não defendesse e preservasse "as legítimas reivindicações" de seus alunos, não mereceria este nome. O momento é de grêmios e coordenação acabarem com essas coisas e unirem as forças para o progresso de toda a comunidade.

**C — Você não acha que, num certo sentido, muito de liberdade foi uma doação e não conquista dos alunos, e que isto fez gerar um senso de paternalismo por parte das coordenações e apatia para o conjunto dos alunos?**

**R —** Olha, essa pergunta tem por pressuposto que há, na estrutura da instituição, estratos que se mantêm entre si, numa relação de "suporte por oposição", em que o equilíbrio se estabelece dentro desta equação: o extrato A empurra para baixo, então o extrato B deve empurrar para cima. Dando nome aos bois: o Colégio "do" (paternalisticamente), então os alunos não devem receber, porque isso não seria uma conquista" sua. Sabe, grosseiramente, a coisa poderia ser descrita assim. E mais uma vez estaríamos sobrevivendo numa condição cujas forças de "integração" seriam a tensão e o conflito. O resultado? O resultado é que não haveria integração nenhuma, porque conflito e tensão não são forças de integração, mas exatamente do seu contrário: desintegração.

Acho que a situação deva ser definida dentro de parâmetros de cooperação e conjugação de forças: Se A empurra no sentido de X, vamos examinar a adequação e a

# EDUCAÇÃO LIBERTADORA



funcionalidade deste vetor: depois da análise crítica, no diálogo, se encontrarmos sua conveniência, somemos as forças de B para com A chegarmos ao ponto X.

Não importa se o movimento inicial tenha sido do "colégio" ou dos "alunos". Se a idéia ou se o projeto é bom, vamos somar.

Ocorre, porém, que a coisa fica mais fácil em termos de equação, tipo modelo matemático. Mas o crucial é que essa equação se dá entre homens. E homem é o bicho que mais se parece com gente, mas nem sempre é gente. Aí a vaca vai pro brejo".

No São Vicente, as pessoas contam com uma ideologia pedagógica que, se realmente incorporada, tornaria a cooperação mais fácil. Mas nossa prática ainda está longe de nossa teoria.

**C — A propósito, o esquema educacional no São Vicente no seu microcosmo, a sala de aula, não mantém uma estrutura arcaica de formação de conhecimento? Em que medida isto fere os princípios da Educação Libertadora?**

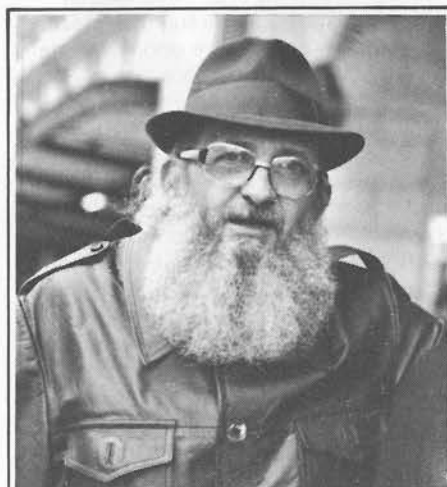
R — Esta pergunta, Marcelo, envolve a contradição crucial da vivência ideológica do São Vicente: o descompasso entre a teoria e a prática da Educação Libertadora. Para respondê-la vamos reproduzir uma entrevista publicada no PASQUIM de maio de 1978. O entrevistador é Claudius, cartunista famoso, bem conhecido entre nós e pai de alunos do Colégio São Vicente; o entrevistado é Paulo Freire, a respeito de quem não preciso dizer nada além de lê-lo enquanto ainda não podemos ouvi-lo.

Claudius — Eu gostaria de te fazer uma pergunta: As mais recentes teorias dizem que não se ensina às crianças. Elas aprendem sozinhas. Eu queria que você comentasse um pouco isso, com base na tua experiência.

Freire — Não é por acaso que se discute muito isso na psico-pedagogia, por exemplo, mas essa tua pergunta é mais sobre a teoria do Conhecimento. Eu tenho impressão que é preciso um pouco esclarecer essa afirmação: Não se ensina à criança. A criança aprende. Essa afirmação coloca bem o papel do educando. Eu também sou muito radical na análise dessas relações, mas a minha convicção é a seguinte: tomando a educação como um ato do conhecimento, qualquer que seja a relação educacional, a que se dá informalmente no lar, e a que se dá formalmente na escola, é impossível escapar ao ato de conhecimento que se processa: tanto o educador como o educando são sujeitos do conhecimento. O erro de uma pedagogia tradicional e reacionária, está, um deles, em que o objeto do conhecimento é posse do educador. O educador possui o objeto do conhecimento e transfere, no modo ideal que ele acha que conhece. O educando, então, castrado na possibilidade de recriar o objeto, de penetrar no objeto, apoderar-se, apreender o objeto, recebe...

Claudius — Sofre.

Freire — Você disse muito bem: o educando *sofre* o ato de conhecer. Ele come o objeto. Isso é o que Sartre chamou ironicamente de filosofia alimentar.



Paulo Freire, um dos nomes mais eminentes da moderna pedagogia internacional.

Claudius — Piaget diz que tudo o que você ensina a uma criança, você a impede de descobrir.

Freire — Eu gostaria de comentar isso. Eu acho que em primeiro lugar a criança deve experimentar-se. Minha filha Madalena anda fazendo umas pesquisas a esse respeito; quando a criança vem à escola, ela antes de ler a palavra lê o mundo, o seu contexto. Ela vem para a escola com uma leitura global. A grande tarefa do educador é aprofundar esta leitura, possibilitar inclusive que os campos desta leitura se ampliem. O que eu defendo é uma presença. A presença do educador.

Claudius — O educador está lá como um recurso.

Freire — Mas não só como recurso. Está lá cumprindo uma tarefa que lhe cabe também que é de reconhecer o que conhece, na busca que o educando faz. Aí é que eu acho que está numa dimensão riquíssima de uma teoria do conhecimento. O educador, por sua experiência intelectual, por sua sistematização maior do que o educando coloca diante do educando, mediando os dois, um certo objeto de conhecimento, um objeto de conhecimento que ele, previamente, conhece. Mas no momento em que o educando nessa situação de conhecimento, começa a desvelar o objeto, o educador que desvelou antes, redescobre o objeto no desvelamento que o educando faz.

Claudius — O que acontece é exatamente o oposto do que você está dizendo. O educador entra na sala de aula, transfere o seu conhecimento, o que é muito mais cômodo. A classe fica quieta, ele fala e depois toma a lição, passa dever ou dá uma prova e com isso ele afere o que foi retido daquilo tudo. Isso está se transformando no método da múltipla escolha. Como se para cada pergunta houvesse apenas uma resposta certa. Por que acontece isso com os professores? Porque eu acho que é extremamente ameaçador para um professor, por-se em questão diante da pergunta de um garoto. Aí é que está o nó do negócio. É entre: uma verdade absoluta, imóvel, eterna, e uma outra coisa, que é a descoberta comum.

Freire — Eu acho o seguinte, Claudius. Eu concordo inteiramente com a sua crítica, mas eu acho que podemos correr o risco de ao criticar essa teoria do conhecimento que está aí implícita e explícita nessa prática pedagógica e docente, chegar ao outro extremo, que é o extremo da negação do papel do educador enquanto sujeito também do conhecimento.

Cláudius — É bom lembrar isso, mas não é bem isso que eu estou dizendo.

Freire — Eu sei, mas esse outro extremo levaria a uma espécie de pedagógico, e como não há pedagogia que não seja política, se cai no espontaneísmo político, também. O papel do professor seria quase de uma figura anedótica dentro da sala. Essa não é a defesa que eu faço. Pelo contrário, eu acho que o educador é *sujeito* junto com o educando, com mais experiência e aprendendo na aprendizagem que o educando faz. É um processo constante, contínuo. Agora, é mais difícil, porque não é burocrático. Isso implica a invenção, a reinvenção do educando, amplia a atividade do educando e portanto a humildade do educador. Ele precisa também dizer que não sabe, ter coragem de dizer, porque a partir do momento que ele diz que não sabe ele abre a possibilidade de saber. A grande diferença entre o homem e o animal ou a árvore é que a árvore sabe também, mas possivelmente, não sabe que sabe. E nós sabemos que sabemos e sabemos que não sabemos. Não foi por acaso que o velho Sócrates disse isso há alguns anos.

Cláudius — Cara meio subversivo, esse Sócrates. Deve estar na lista negra em vários países.

Freire — Eu nunca tive esse problema de dizer que não sabia. Eu comecei a ser professor com 19 anos de idade e nunca tive medo disso.

## "CHAMA" PEDE COLABORAÇÃO

Nos próximos números da revista, de acordo com programação estabelecida na Associação de Pais e Mestres, pretendemos abordar uma série de assuntos, desde os relacionados diretamente com a vida do Colégio, até os concernentes à comunidade local, nacional e internacional, como o Ano Internacional da Criança.

Reiteramos o nosso convite de participação dos pais e alunos: estamos abertos a todo tipo de colaboração, desde artigos e ilustrações, até o oferecimento para a realização de tarefas de revisão, montagem e confecção artística da publicação.

# A novela continua MUDANÇAS NO VESTIBULAR



Fala à "CHAMA" o Prof. Herman Jacowick, Diretor Acadêmico da Fundação Cesgranrio, acerca do vestibular, seu processo e como ele vai se dar em 1979.

## **VESTIBULAR: SELEÇÃO PARA A UNIVERSIDADE**

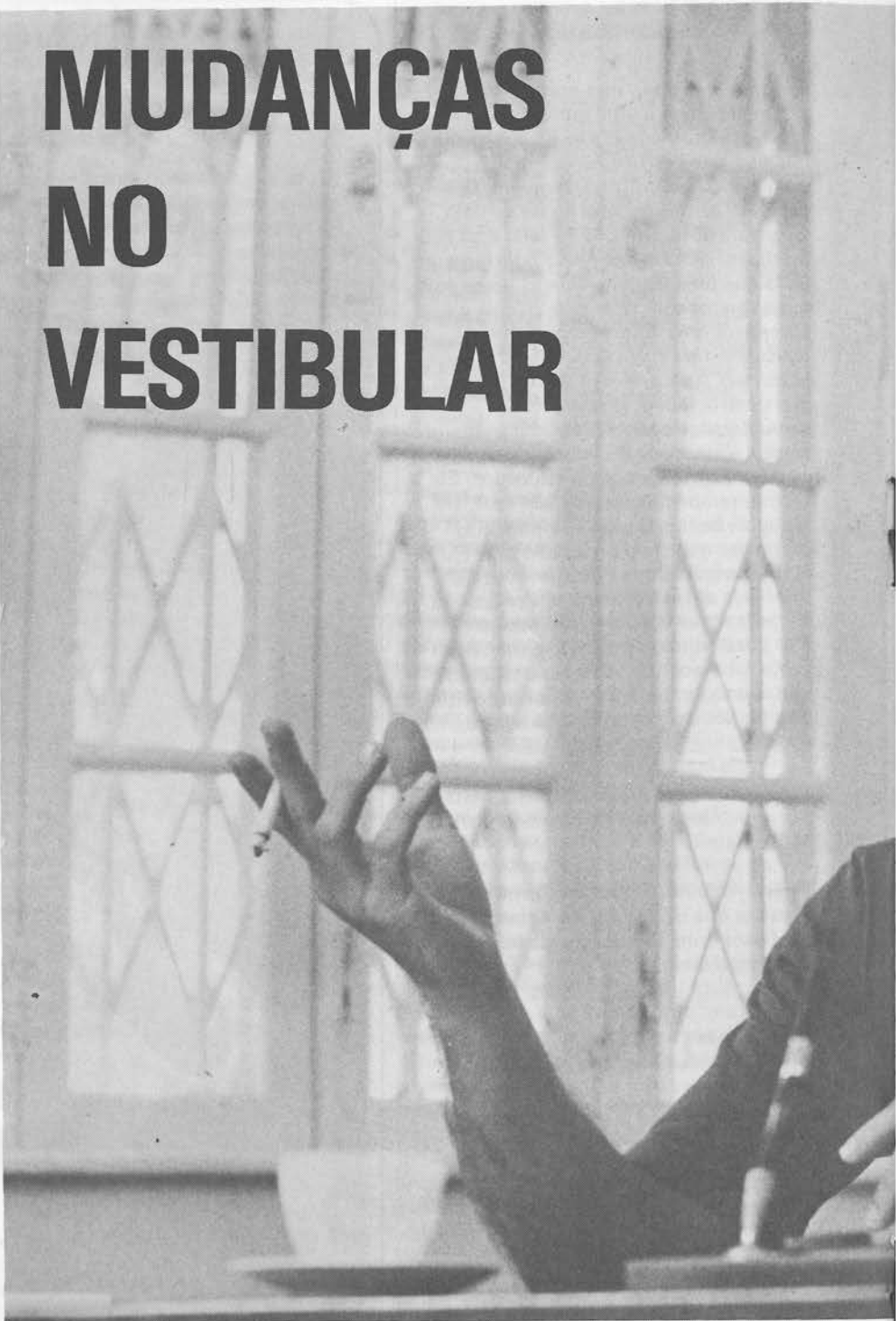
O problema do vestibular não é um problema brasileiro, é um problema internacional. A proporção de pessoas que concluem o 2º grau ou algo equivalente em qualquer país do mundo é maior que as vagas para o ensino superior. Como a sociedade precisa de elementos nos vários setores de atividades, ela, de certa forma, limita a pretensão ao ensino superior de algumas pessoas em função do nível intelectual. Então costuma-se dizer que a Universidade é o lugar da elite intelectual de um país. Nos países mais desenvolvidos o profissional de nível médio que não passou pela universidade é reconhecido pela sociedade em termos de status e remuneração. Porém, no Brasil, o problema se agrava, pois o profissional de nível médio não tem status nenhum e sua formação é inadequada. Então, toda uma população busca a ascensão social através da Educação e, como a Universidade é a única instituição que mal ou bem profissionaliza, ninguém quer as atividades intermediárias.

Para toda essa procura, a sociedade teve que criar um processo de seleção, que, na França é o "bachot", na Alemanha o "doctur", nos Estados Unidos um processo variadíssimo e no Brasil é o vestibular que existe desde 1911.

### **O VESTIBULAR NO BRASIL**

O vestibular não foi sempre assim. Na década de 60, o vestibular podia ser feito de maneira que cada Universidade quizesse, não era unificado, podia ser classificatório, eliminatório, com 4 matérias, 10 matérias, matérias que não faziam parte da escola do 2º grau e as matérias que faziam parte. As Universidades podiam pedir o nível de dificuldade que bem entendessem. Naquela época as escolas ofereciam poucas vagas em relação ao número de candidatos. Às vezes passava-se no vestibular, mas o número de vagas era pequeno, o que resultava num contingente de excedentes. Para que isso não acontecesse, as escolas passaram a fazer um vestibular difícilíssimo para que só passassem candidatos de acordo com as vagas de que as Escolas dispunham. O que acontecia, então, é que passavam menos alunos que o número de vagas. Aí a Escola realizava outro vestibular, cobrando outra taxa, onde concorriam todos de novo. Houve até anulação de questões de prova para coincidir p

# **MUDANÇAS NO VESTIBULAR**



número de vagas com o de candidatos e só depois dava-se o resultado. O processo de seleção estava irracional e a demanda reprimida. O pessoal que não passava e continuava tentando o vestibular crescia assustadoramente. Aí o Governo tomou uma decisão política de injetar recursos e aumentar o número de vagas na universidade.

Com esse processo irracional, diversificado, de seleção, as Universidades pedindo matérias que não contavam no currículo do 2º grau, o

aluno vai procurar aulas particulares e vão começar a surgir determinadas aulas que preparam só para a Universidade: os "cursinhos". Acontece que o que não se aprende em todo um processo de escolaridade não vai se aprender em um ano num cursinho. Mas a procura era intensa devido à diversidade de matérias que cada escola universitária pedia.

Outro problema eram as taxas. Cada escola cobrava 400 cruzeiros de taxa para seu vestibular interno. Se um aluno quizesse fazer mais de um vestibular,



tinha que gastar muito; a seleção era econômica também.

## O VESTIBULAR DO CESGRANRIO

Somando todos esses erros, surgiu uma nova filosofia de Vestibular, que seria: o vestibular será classificatório e não eliminatório. A taxa será unificada. Só se pôde exigir no vestibular aquilo que for comum e obrigatório no 2º grau num nível razoável. O vestibular

será unificado para acabar com o desgaste físico e emocional de sucessivas provas.

O Cesgranrio foi criado por 11 escolas que acreditaram no Unificado. Ela é uma fundação que estuda o processo de vestibular e o operacionaliza, a cada ciclo procurando melhorar o processo. O Cesgranrio encaminha os interesses das universidades que compõem a Fundação.

O 2º grau gostou deste novo processo, pois ele valorizou o seu trabalho e começou a evitar o esvaziamento que os

cursinhos faziam nas suas escolas. Porém, a Universidade, que só se importava com específico, — pois um aluno de Engenharia tinha que saber Física, Química, Matemática e não necessariamente Português — não gostou muito da generalidade em detrimento da especificidade. O que acontece é que a Universidade vem reclamando do nível dos estudantes que chegam a ela, dizendo que é fraco, que de 20 mil candidatos que passam só 5 mil são realmente bons e estes se diluem por uma infinidade de cursos e Escolas.

O ensino superior está convencido de que a influência do vestibular na escola do 2º grau não é de conteúdo, é de forma. Isto está provado, pois, por mais que se repita determinada questão numa prova de vestibular, o índice não aumenta, pelo contrário, diminui.

## O VESTIBULAR DE 1980

Então o vestibular em 1980 deseja manter a aproximação com o 2º grau, mas contemplar determinadas vontades da Universidade. Isto se dará da seguinte maneira: **Todo candidato fará todas as provas. O total de pontos deste candidato será obtido pelo mesmo processo: soma das notas obtidas sem ponderação. Entretanto, para se submeter à classificação, ele terá que mostrar um mínimo, que no ano passado foi de 23%, numa divisão, dependendo da carreira que cada candidato escolher. Ele deverá demonstrar um nível mínimo absoluto em disciplinas afins de carreira escolhida e nível mínimo de 2,5 nas disciplinas consideradas gerais na sua carreira. Para não distorcer muito a escola do 2º grau, específicas são 5 matérias e gerais 3, nas 8 notas. Uma específica para uma carreira pode ser geral para outra etc. No vestibular de 79 nós eliminamos, pelo processo antigo 35.000 alunos. Em 1980 podemos afirmar, por estudos simulados, que teremos, em 140.000 candidatos, 86.000 eliminados, ou seja, 57%, neste critério mais rígido. (Na Engenharia, por exemplo, são específicas Física, Química, Matemática, Biologia, Português e são gerais Língua Estrangeira, Estudos Sociais). Mas isso não é tudo. O Ensino Superior está consciente de que ele colaborou para a adoção maciça de questões objetivas (múltipla escolha) como a forma única de avaliação no 2º grau e 1º grau. Então ele constituiu nesse momento um grupo inter-universitário e inter-disciplinar para viabilizar a introdução, em 1981, de questões discursivas em todas as disciplinas do vestibular, como uma forma mais racional de avaliação.**

Quanto à forma, a Universidade está seriamente preocupada em mudar esse critério de múltipla escolha e quanto ao conteúdo, pretende-se gradativamente elevar a qualidade de ensino, no 2º grau forçando a barra na rigidez das provas. **O índice do nível mínimo não pretende ficar em 25 e 30%. Em 1981, pretende-se aumentá-lo.**

O vestibular a partir de 1980, terá 3 tipos de resultado dos concorrentes: **classificados** — os que passaram no nível mínimo e que na soma dos pontos alcançaram as vagas; **não classificados** — os que passaram no nível mínimo mas na soma de pontos não conseguiram as vagas, e **eliminados** — que na sua soma de pontos nem sequer atingiram o nível mínimo.

## O PROBLEMA SOCIAL DO VESTIBULAR

Para terminar, gostaria de dizer que o problema do vestibular deve ser colocado no contexto mais

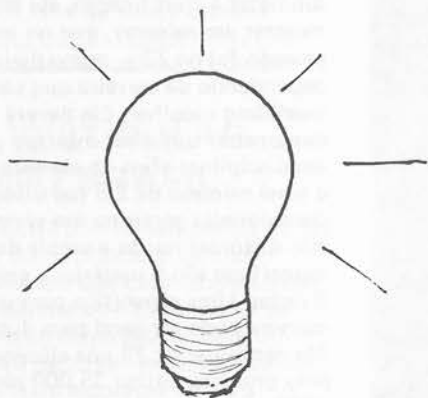
amplo da sociedade. Tomemos por base os dados do vestibular de 1977. Em 77 a taxa média de ingresso na Universidade aqui no Cesgranrio era de 20%. De cada 10 ingressavam 2. De 100.000 candidatos, 20.000 passaram. Procuramos então, num trabalho de pesquisa, identificar grupos com certas características, que tinham taxas de sucesso altíssimas e também baixíssimas.

Fizemos um estudo com muitas variáveis, levando em conta muitos fatores que não são considerados para classificação, pois o único fator que se considera é o total de pontos. Mas há fatores que interferiram na formação do indivíduo, que terminam figurando significativamente nesse quadro. Identificamos primeiro um grupo que nós denominamos **grupo em condições prévias de sucesso**. Esse grupo tinha as seguintes características reunidas: 17 ou 18 anos, estudou durante o dia, pai com educação superior e renda familiar por volta de Cr\$ 8.000. Naquele vestibular de 1977 só existiam 2.800 pessoas com essas características

reunidas. Alguns possuíam algumas dessas características, mas só 2.800 pessoas tinham as 4 juntas, isso em 120.000 candidatos. 60% desse grupo obteve sucesso. Do outro lado encontramos outro grupo: o dos desprivilegiados. Esse grupo tinha 19 anos ou mais, estudou à noite, pai com educação primária ou analfabeto, renda familiar abaixo de 2 salários mínimos. Existiam outros grupos intermediários. O grupo dos desprivilegiados obteve 8% de aprovação.

A conclusão dramática que se tira desses dados é que o vestibular não seleciona, ele confirma uma seleção feita pela vida e, qualquer mudança nesse processo não pode ser feita no ato da colheita, e sim no processo de plantio. Então é um problema de distribuição de renda, saúde, de saneamento, de nutrição, é um problema mais amplo na estrutura social e que só pode ser resolvido com uma decisão política a nível governamental e não com um mero vestibular.

## APM



Caso você esteja interessado(a) em opinar ou/e participar de algumas atividades da APM, envie o seu nome, endereço e telefone para a diretoria da APM do colégio São Vicente de Paulo.

## ALUNO DO COLÉGIO



Aluno do colégio, a revista CHAMA está aberta à sua colaboração. Envie sugestões e matérias para o próximo número.

# VESTIBULANDOS DO SÃO VICENTE

Com 103 alunos aprovados no vestibular — mais de 90% dos que concorreram —, o Colégio São Vicente de Paulo parece estar confirmando uma tradição. Resta pesquisar se o percentual de reprovados em relação aos anos anteriores aumentou; e a natureza das instituições e dos cursos para os quais se destinaram os vestibulandos do Colégio: corresponderam às prioridades dos alunos?

A listagem dos aprovados, por outro lado, confirma a tradição, trazendo algumas inovações: 30% dos alunos optaram pelo curso de Engenharia, 10% pelos cursos de Direito e Economia, 7% pelo de medicina — que apareceram como os mais procurados. Embora os cursos tradicionais (Engenharia e Direito) mantenham ainda a preferência dos alunos, evidencia-se a ascensão dos cursos de Economia e o declínio surpreendente dos de Medicina.

Finalmente, a Universidade Federal do Rio de Janeiro obteve a preferência de 30% dos alunos, seguida pela PUC e pela Santa Úrsula, com 14%. Menos de 10% dos alunos encaminharam-se para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense e a Universidade Gama Filho.

Essa foi a décima terceira turma do Colégio a ingressar na Universidade e o Coordenador Jorge Luiz pergunta, através da CHAMA: "Como irão se desempenhar? Guardarão os valores que procuramos vivenciar durante os anos em que aqui estiveram? Resistirão ao edonismo, ao consumismo, ao imediatismo?"

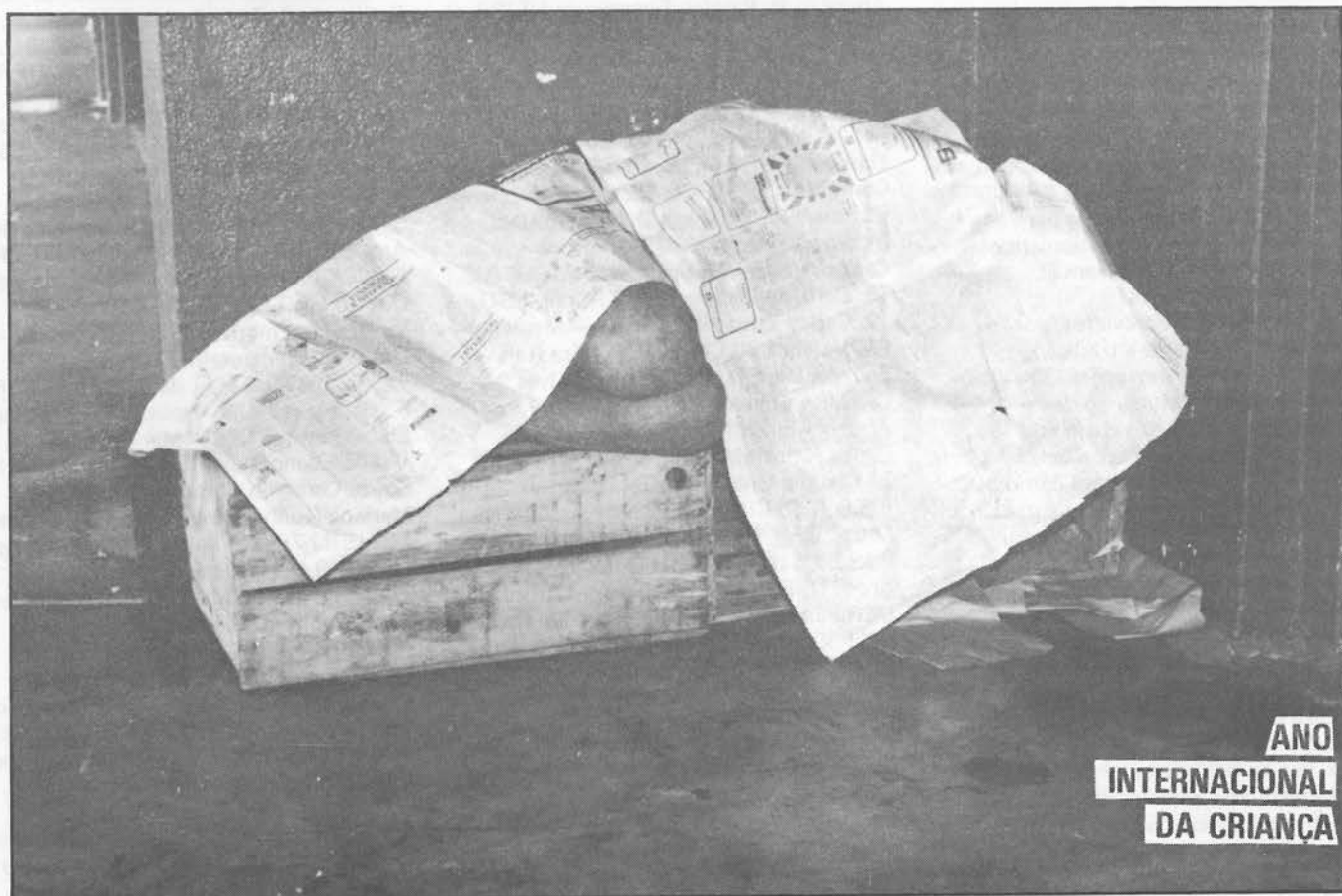
S. Direito — FECNI 6. Amadeu Bueno Centola — Engenharia — UERJ 7. Ana Amélia D. Macedo — Psicol. UFRJ 8. André L. B. Paraíso Engenharia UFRJ PUC 9. André Luiz Ferro Alves — D. Indust. UFRJ 10. Anette Kaufmann — S. Socil UFRJ 11. Antonella Tassi Psicol. UFRJ 12. Antônio C. M. Pires Engenh. Fec. B.P. 13. Antônio C. P. Junior — Economia UFF 14. Beatriz Becker Comunic. UFRJ PUC 15. Carla Barreto — Direito PUC 16. Carla Del Sodato Des. Indust. Arquitet. USU PUC 17. Carlos Afonso Ribeiro Economia UFRJ 18. Carla de Mello e Souza Psicol. USU 19. Carlos Eduardo Essinger — Medicina FM Valença 20. Carlos E. Pereira Reis — Economia UFRJ 21. Carlos F. Alves Carvalho Engenh. PUC 22. Carlos P. Arratis Alonso Medicina FM Pet. 23. Carlos Nelson Moura Engenh. UFF. 24. Cláudia Ghelmann Des. Indust. E.S.D.I. 25. Cláudia Lucia de Arruda Letras UFR 26. Cláudia M<sup>g</sup> Lago Soares Psicol. USU 27. Cláudia O. Nóbrega Arqu. UFF 28. Clara Sandroni C. Biol. UERJ 29. Cristiane P. do Nasc. Direito USU 30. Denise Falcão S. Pinto Eng. UEF 31. Eduardo Leivas Sloper A. Eng. UEF 32. Edmond Kaboudi Engenh. UFF 33. Fábio de Mainart Ramos Engenh. USU 34. Flavia V. Spilmann C. Biolog. UFRJ 35. Flávio Romero M. da Cunha Lima Economia FACEM 36. Frederico M. Junior Eng. PUC UFRJ 38. Gilberto de A.B. Couto Engenh. UFF 39. Hamilton N. Neto Engenh. PUC e Engenh. Quim. UFRJ 40. Heloisa Ferreira Lessa Enferm. UFRJ 41. Henrique P.G.de Paiva Psicol. UERJ 42. Ilza Passoa Princkan Direito Can. Mendes 43. Janio Cesar C. Roriz Direito UERJ 44. João Carlos P.R. Velho Arqu. USU 45. João de Macedo V. Pinto Física UFRJ e Engenh. PUC 47. José Antônio M. G. da Rocha Engenh. UCP 48. José Augusto Gomes Engenh. UFRJ 49. José B. de M. Filho Arqu. USU 50. José Kerdman Bloch Arqu. USU 51. Joy Helena W. Till Economia UFRJ 52. Julia do Prado Valadares C. Biol. UERJ 53. Juliana Mol Cabral C. Sociais PUC 54. Lia Jacques M. Vaz Odonto. FONF 55. Liomar Licia Neuss Direito PUC 56. Luciana Batista Bicalho Psicologia UFRJ 57. Luciana

Junqueira de Andrade Letras USU 58. Luis Felipe de B. Freire Engenharia FUC B. do Pirai 59. Luia Manuel G. Freitas de C. Engenh. UGF 60. Lyana de S. Leão Wanderley Arqu. UFRJ 61. Marcelo de A. P. Costa Economia UFRJ 62. Marcelo Martins de Siqueira Engen. UGE 63. Márcia Maria R.R. Lopes Medic. UERJ 64. Márcia Pougy Letras USU 65. Márcio L.M.dos Santos Engenh. FEC B. do Pirai 66. Marco Henrique Veloso C. Sociais UFF 67. Marcos Q. M. Chaves Arq. USU 68. Marcus V. Boller da Cunha Eng. UCP 69. M<sup>g</sup> Christina C.S. Camões Direito UERJ 70. Ma. de Fátima F. Pereira Matemática UFRJ 71. Ma. da Glória Backer Botelho Psicologia USU 72. Ma. das Graças F. de O. Fortes Odont. F.O. Campos 73. Ma. Isabel von Lachmann Enfermagem PUC 74. Ma. Regina B. Villela Economia UFRJ 76. Ma. Sylvia de Souza Camargo Comunicação PUC 77. Mariana Guilhermina T. Moreli Bibliotec. FEFIERJ 78. Marília de R. Martins Eng. UFRJ 79. Mário Cesar Alves de Carv. Engenh. PUC 80. Mário Cesar Fernandes Alves Econom. UFRJ 81. Mário Olinto Neto Economia CUP 82. Marta Castro Lacorte Engenharia PUC 83. Marta G. Cavalcante Medicina UFRJ 84. Maurício José Stycker Econom. UFRJ e Comunic. PUC 85. Maurício R. Camara Junior Eng. UEF 86. Maurício Martins Rodrigues C. Biológicas UFRJ e Engenharia PUC 87. Moacyr Barbosa Soares Nato Veterinária UFRJ 88. Moacyr de Goes Filho Teatro FEFIERJ 89. Monica Arruda Accioly Engenh. UFRJ e PUC 90. Monica Ma. da Cruz Rubini Arqu. USU 91. Monica Monica Martins de Siqueira Comunic. UFRJ 92. Olga Ma. Arruda Gonçalves Medicina UGF 93. Paloma Pinto Paiva Engenh. UFRJ e PUC 94. Patrícia Carvalho de França Eng. Adm. C. Soc. PUC, FGV, PUC 95. Paulo Eduardo Freitas Engenharia FECNE 96. Pedro Nuno Pereira de Souza Arqu. FA B. do Pirai 97. Regina Brait da Silva Reabilit. UCP 98. Renata de Freitas Fachada Medic. UERJ 99. Renato Guilherme P. Viana Engenharia UFRJ e PUC 100. Renato Pilloto Junior Engenh. UEF 101. Ricardo Baptista Pedroza Eng. UGF 102. Ricardo Cesar S. Araujo Física UFRJ 103. Verônica Estil Sabino Letras USU

1. Adriana Ferreira Cardoso Direito. UFRJ 2. Adriana P. de Barros — arquit. USU 3. Adriana Pressburger — psicol. UFRJ 4. Aécio Neves da Cunha — Direito PUC 5. Alexandre Augusto dos

# ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA. DE QUE CRIANÇA AFINAL?

Roberto Gomes da Costa



O ano de 1979 é o Ano Internacional da Criança, e foi concebido para encorajar os Estados Membros das Nações Unidas a aumentarem seus esforços em prol da infância. Dentro de uma atitude comodista e simplista, bastante comum às classes mais favorecidas, especialmente nos países, subdesenvolvidos, o Ano Internacional da Criança pode estar sendo encarado como nada mais que uma campanha para angariar donativos, que, para muitos, ainda é a única forma possível de se remediar os problemas sociais. Se apenas isso, uma campanha assim idealizada não só estaria contribuindo para um

mascaramento das causas reais do problema, como também estaria favorecendo um adormecimento das consciências pela falsa sensação de que assim se estaria conseguindo realmente algum resultado mais profundo que uma simples ação paliativa.

Parece claro que uma campanha que não se dirija para esclarecer e promover mudanças conceituais e reais bastante profundas em relação ao problema não cumprirá suas finalidades. Da mesma forma, se não houver uma participação de todos que vá além dos cômodos donativos habituais, muito pouco se conseguirá. A Campanha do

Ano Internacional da Criança, embora séria em princípio, tanto em origem quanto em finalidade, pode entretanto, devido a outros interesses, sofrer o risco de ser desvirtuada para esquemas sensacionalistas com aparência filantrópica. Se conduzida com habilidade, a apresentação de meias verdades associada a um clima emocional artificialmente construído, poderão produzir efeitos notáveis e muitos passarão a se sentir como tendo contribuído efetivamente para a solução do problema, sendo que outros capitalizarão numa imagem bastante proveitosa para futura utilização em seus negócios ou atividades mundanas.



## INDIFERENÇA

Sem querer negar todo o mérito daqueles que, de alguma forma, procuram minorar o problema da infância através de ações caridosas que muitas vezes levam as pessoas a toda uma vida de dedicação e renúncia, é forçoso reconhecer que todas essas soluções são paliativas já que não se atinge às raízes do problema.

O mais grave é que nos habituamos a conviver com todos esses problemas e passamos a encará-los com naturalidade. Somos até capazes de uma grande preocupação por fatos desprovidos de maior significado social desde que apresentados com um alto conteúdo de "novidade" e obviamente sejam bem explorados pela indústria de comunicação. A vida de astronautas em perigo comove o mundo. A morte diária de milhares de crianças famintas já não sensibiliza mais.

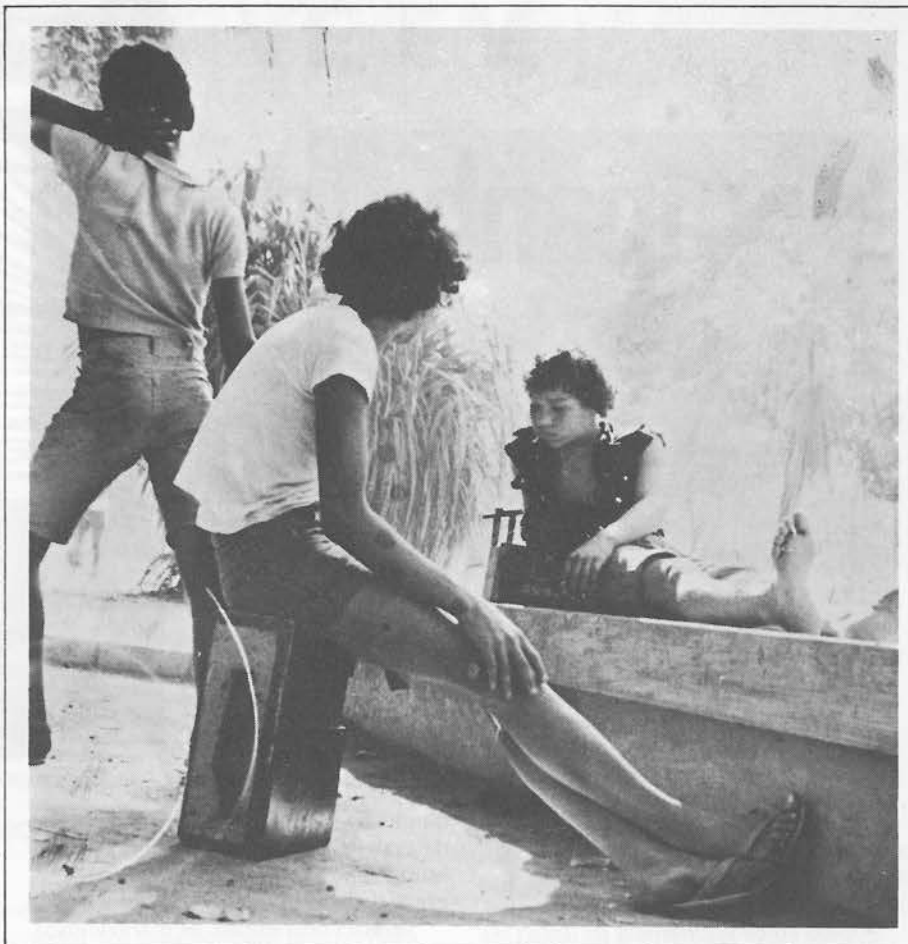
É este o paradoxo da era da comunicação, dentro do sistema de vida e de valores que adotamos. Saturamo-nos de tanta informação e tão avidamente buscamos mais, condicionados que estamos a fazê-lo, que não nos sobra tempo para uma seleção adequada e uma reflexão mais profunda sobre essas informações. Por outro lado, ao mesmo tempo em que nos concentramos em populações urbanas cada vez mais densas, nos afastamos cada vez mais um dos outros e não temos proporcionalmente mais vida associativa, como seria de esperar. Esse problema urbano afeta de tal forma o relacionamento entre as pessoas de casas vizinhas do que entre pessoas de apartamentos vizinhos.

## VIDA ASSOCIATIVA

A falta de vida associativa e a falta de tempo para reflexão nos leva então ao esquema mais cômodo da repetição dos „slogans“ resumidos e superficiais que são lançados em torno das questões primordiais, geralmente de forma tendenciosa e projetados para evitar o aprofundamento necessário. Diante desse quadro, os debates e as trocas de idéias assumiram a proporção de uma questão de sobrevivência a longo prazo. Por outro lado, é reconfortante sentir como a juventude, menos condicionada, se sensibiliza bastante em relação àqueles instrumentos democráticos.

## NOSSO PROJETO

Nossa modesta intenção, na CHAMA, como componentes de seu Conselho Editorial, é o de torná-la o veículo para um intercâmbio vivo de idéias dentro da



Comunidade do Colégio, catalizando a sua mobilização em torno dos temas e aspectos de maior interesse.

A escolha do tema, sobre a infância, deveu-se às seguintes razões:

- a) a campanha do ano internacional da Criança tem origem em entidade séria e deve ser aproveitada para uma convergência de esforços em torno da matéria;
  - b) a campanha não deve ser restrita aos governos, pois se trata de um problema em que é exigida a responsabilidade e a participação de todos;
  - c) não poderíamos imaginar um tema que pudesse motivar mais a comunidade do Colégio São Vicente a se mobilizar em torno da Associação que os problemas da criança.
- Pretende-se tratar deste assunto nos três números da CHAMA que sairão publicados ainda este ano de 79, além do presente. Imaginou-se dividir a apresentação do problema em três (3) partes, a saber:

**1ª parte: O direito a ser criança.**  
**Temário sugerido:**

O direito à educação e à cultura. Os sistemas educacionais. Liberdade x Repressão. O papel da família. As pressões do mundo moderno. As

necessidades das creches. As crianças marginalizadas.

**2ª parte: O direito a vir ao mundo.**  
**Temário sugerido:**

A pressão dos problemas sociais e econômicos sobre o controle do crescimento demográfico. O planejamento familiar. As questões religiosas e moral.

**3ª parte: O direito de viver.**  
**Temário sugerido:**

A mortalidade infantil. A subnutrição. A problemática da produção de alimentos.

Contamos com o leitor para enviar seus pontos de vista a respeito dos temários propostos. A publicação na íntegra dos comentários enviados dependerá do número de colaborações. Caso sejam numerosas as colaborações serão apresentados resumos das mesmas.

Acreditamos que com isso a CHAMA estará favorecendo uma proveitosa troca de idéias na comunidade. E na colaboração dos nossos pontos de vista, é nossa opinião que as crianças nos tem algo a ensinar, pela sua atitude isenta de preconceitos, conforme reconheceu o Senhor ao dizer que "quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará".

# Campanha da Fraternidade



Pe. Almeida

— Um jato Rio Nova York consome 40 toneladas de petróleo e 90 de oxigênio depositando na atmosfera outro tanto de gases nocivos.

— Uma edição dominical de um grande periódico consome 30 hectares de pinheiral.

— Nos últimos quatro séculos, 162 espécies de aves foram exterminadas e 381 estão em fase de desaparecimento: Quanto aos mamíferos, pelo menos cem desapareceram e 255 estão em fase de desaparecimento...

— Dois terços da área florestal do mundo foram sacrificados em favor da produção.

— Um dos desafios para a sobrevivência da humanidade — que cresce em progressão geométrica — será a escassez d'água doce, cuja reserva global é mínima e permanece imutável e cada vez mais poluída pelos despejos industriais ou residenciais. Estes e muitos dados antiecológicos nos são arremessados aos olhos pelo Manual da Campanha da Fraternidade de 79. Encarando os esforços da Igreja no Brasil por um mundo mais humano, a Campanha quer fazer-nos refletir e, quem sabe, viver seu lema "Preserve o que é de todos" e seu tema "Por um mundo mais humano".

Por que tratar a Igreja de Ecologia, poluição, preservação do meio ambiente, de desejo de humanização?

— Fácil responder. O mundo entrou num processo veloz de "mecanização"

que torna cada vez mais difícil a missão de evangelização. — Contribuir para humanizá-lo é criar condições de evangelizar: é já início de evangelização.

Parece contradição: os maravilhosos inventos do homem, destinados a dar-lhe conforto, a facilitar-lhe a existência e, mesmo, a prolongá-lo, correm o risco de destruir o próprio homem.

O abuso da máquina, o consumismo da era industrial, a filosofia do "ter" em prejuízo do "ser", o desconhecimento da responsabilidade social dos bens materiais, tornam o homem cego em relação ao caos que ele vai criando e surdo à voz da própria consciência de cidadão do mundo.

— Torna-se necessária uma campanha organizada que o desperte, que o faça assumir sua parcela de responsabilidade na reconstrução do que deveria ser uma "terra paraíso", um "mundo jardim".

A Campanha da Fraternidade, ao assumir esse tema, vem unir-se a outras tantas forças em prol da preservação do que ainda não foi destruído ou deteriorado — em prol, quem sabe, da ou recuperação da falecida natureza ambiente.

Autêntica atitude de conversão, esta que a Campanha nos convida e nos conduz...

Não é de hoje a Campanha da Fraternidade. Iniciada há 15 anos, tem-se firmado no conceito, não só do Brasil, mas de outras nações católicas, como das mais perfeitas organizações da igreja. Como qualquer atividade humana, corre o risco

de esvaziamento e de rotina. Por isso, a cada ano, nova motivação com nova liturgia, com lema e tema apropriados às necessidades do momento, criteriosamente escolhidos e individualmente apresentados.

Por que Quaresma?

A quaresma foi sempre, na Igreja, o tempo de preparação interior para a celebração da Páscoa da Ressurreição. Tempo de penitência, de conversão do coração.

Como estímulo, a tradição da Igreja manteve durante séculos, a prática do jejum e da abstinência de carne.

Tais práticas, excelentes em si, encontravam inúmeros obstáculos e, muitas vezes, eram fraca ajuda na luta contra o egoísmo ou do individualismo.

A conversão ao **outro**, ao irmão necessitado, ao **próximo** a quem, como cristãos, devemos amar, será sempre o caminho normal da perfeição cristã.

A Campanha da Fraternidade vem nos ajudar diretamente nesta tarefa que, realizada, substitui com vantagem as antigas práticas penitenciais.

Quanto, portanto, a Campanha nos causa à defesa da ecologia, quer que ouçamos tal apelo em função do **outro**, do próximo. "Preservar o que é de todos" é ir ao próximo, é ajudar o irmão.

Mais diretamente iremos se, ao esforço ecológico, acrescentarmos a "abertura da bolsa", levando à nossa Paróquia contribuições, em donativos, destinados ao irmão desconhecido.

# TESTEMUNHA VÊ EM PUEBLA CONTINUAÇÃO DE MEDELLIN



Declarando que em relação ao encontro de Puebla, "tudo parecia estar preparado de antemão para dar uma interpretação conservadora aos pronunciamentos", o cientista político Luiz Alberto Gómez de Souza, pesquisador do Centro João XXIII, participante do Encontro falou à CHAMA. "Basta ver a repetição, nos primeiros dias, das mesmas menchetes nos diferentes jornais da América Latina, especialmente as que se referiam a uma possível condenação pelo Papa da Teologia da Libertação, a partir de uma suposta e inverossímil conversação privada, no avião que o trazia ao México, com um jornalista anônimo. Havia um claro interesse em ressaltar aspectos mais tradicionais das alocações, selecionando cuidadosamente os textos a divulgar".

— "A leitura atenta dos textos completos vai mostrando a parcialidade das primeiras citações, destacadas pela imprensa. Assim, por exemplo, se passou por alto o fato significativo de que a primeira mensagem ao chegar à América, em Santo Domingo, se dirigiu prioritariamente "aos pobres, aos camponeses, aos enfermos, aos marginados", continuou o professor Luiz Alberto.

— "Também se deu pouca menção às duas vezes que se referiu ao fato de que a **propriedade privada grava uma hipoteca social**. Nem se deu importância merecida ao discurso aos indígenas e camponeses de Oaxaca, quando disse que "o Papa quer ser a voz de vocês, a voz de quem não pode falar,

ou de quem é silenciado, para ser a consequência das consequências, convite para a ação, para recuperar o tempo perdido, que é frequentemente tempo de sofrimentos prolongados e de esperanças não satisfeitas".

## EQUILÍBRIO

O sociólogo não esconde que as mensagens papais, em seu conjunto, expressaram mais bem um tom contido e cauteloso, na procura de manter um certo equilíbrio e evitar desvios, mas os gestos foram eloquentes, o estilo aberto e comunicativo e acha que deve ser enfatizada a natureza do magistério eclesialístico.

Procurando determinar a posição dos bispos presentes ao encontro, esclarece:

— "Em primeiro lugar, há que partir do fato de que as posições dos atores não tem a nitidez dos alinhamentos dos grupos universitários ou das facções ideológicas, com contornos e diferenças mais ou menos explícitas. Neste sentido os bispos, como também certas lideranças populares, apesar do que possam pensar em contrário os intelectuais que lhes queiram assessorar, não tem as opções tão delimitadas e precisas".

— "Por isso são tão ilusórias as tipologias dos episcopados que tem preparado os "brasilianistas" estrangeiros especializados em Igreja. Algumas expressões verbais que podem ser facilmente catalogadas como conservadoras, podem coexistir num bispo com experiências pastorais na prática muito mais radicais e, ao contrário, afirmações que fizeram com que a direita considerasse como extremistas e subversivos, podem estar ligadas a posições e atos mais moderados do que se crê".

— "Além disso, os bispos não vão às reuniões nacionais ou internacionais como representantes de um grupo ideológico determinado. Eles levam um conjunto de experiências nem sempre coerentes de suas dioceses, que se cruzam com experiências de outros bispos. Boa parte deles está razoavelmente aberto a ouvir e sem posições muito rígidas".

## MEDELLIN E PUEBLA

Finalmente, estabelecendo relação entre Puebla e Medellín, declara Luiz Alberto Gómez de Souza:

— "Medellin denunciara o pecado social e a violência institucionalizada, fez uma clara opção pelos pobres e incentivou a criação de comunidades de base. Puebla retoma e confirma cada um destes pontos e os explicita ainda mais. Assim, no início, indica que nos situamos no dinamismo de Medellín cuja visão da realidade assumimos. Mais adiante afirma que à luz deste enfoque de libertação integral, olhamos a década desde Medellín a Puebla como anos de mudanças, frustrações e contrastes... Vemos a luz da fé como um escândalo e uma contradição com o ser cristão a crescente brecha entre ricos e pobres." E termina:

— "A conclusão a que se chega ao analisar Puebla é de que a reunião e o documento serão pouco compreendidos se forem isolados do contexto das práticas eclesiais da América Latina. Eles não apenas são o ponto de chegada de um processo que os antecede, nem somente um ponto de partida subsequente. São mais bem a explicitação, ao nível do magistério da Igreja, do que esta última vem realizando em sua vida concreta como comunidade eclesial".

# Pais dão suas opções na pesquisa da APM.

O resultado dessa pesquisa foi o seguinte:

1 – O Colégio tem uma filosofia educacional definida. Você gostaria de obter maiores informações sobre esta filosofia através:  
da Chama (revista da APM)? – 87  
de outros encontros como este? 114

2 – É intenção da APM promover maior entrosamento entre as famílias do Colégio. Você acha que isto seria possível através de:  
excursões para as famílias dos alunos? – 64  
atividades esportivas, para pais, desenvolvidas no Colégio – 67

Atividades sociais como:  
teatro – 63  
noites de autógrafos – 17  
shows musicais – 57  
vernissages – 31  
debates sobre temas da atualidade – 27  
cinema para os pais no Colégio – 37  
Coral dos pais – 13

3 – A APM tem possibilidade de conseguir pessoas de renome para ministrarem cursos de atualização sobre vários assuntos da atualidade. Você participaria de alguns deles:  
atualização religiosa – 52  
problemas da juventude – 103  
vida conjugal – 47  
relacionamento de pais e filhos – 127

4 – O Colégio tem possibilidade de desenvolver atividades comunitárias. Quais, dentre as abaixo, você gostaria de participar?  
auxílio a comunidades pobres – 88  
missa comunitária para as famílias do Colégio – 65

# PARTICIPAÇÃO DOS PAIS: DESAFIANTE QUESTÃO

---

Em princípio, parece haver disposição geral dos pais dos alunos do Colégio de participar das atividades do estabelecimento em que seus filhos estagiam. Os inquiridos que vem sendo feitos, de várias formas, comprovam a impressão. No entanto, quando se pretende sair do campo abstrato das intenções para chegar-se ao terreno prático das realizações, o panorama se transforma. A que se deve isto?

---

## HIPÓTESES

Uma hipótese é a falta de tempo, natural numa grande cidade, onde a luta pela vida absorve os minutos e os segundos das pessoas engajadas na produção.

Outra hipótese é a da possível inaptidão que as pessoas teriam em relação ao desenvolvimento de atividades próprias de associações escolares, de pais e mestres. Atividades que envolveriam conhecimentos de administração, de psicologia, de alfabetização, etc.

E uma terceira hipótese: o desejo de participar esfarela-se diante de uma realidade maior; ou seja, a competência profissional revelada pelo Colégio, dispensando maiores cuidados em relação a qualquer tipo de acompanhamento.

## INÉRCIA GERAL

Essas hipóteses não afastam de todo a pressuposição de que, da parte do Colégio ou da Associação de Pais e Mestres, haveria deficiências de comportamento e orientação.

As instituições, neste particular, mostrar-se-iam incapazes de estimular a participação, suscitando atitudes mais positivas em relação à integração concreta dos pais dos alunos na vida do Colégio.

E finalmente: a inércia seria uma das características básicas da sociedade brasileira dos dias atuais, marcando, assim, as atividades paralelas de toda a vida social.

## PREJUÍZO

Quaisquer que sejam as conclusões a que chegemos, uma coisa é certa: a omissão dos pais nas atividades programadas das instituições em que se formam os seus filhos, ocasiona sérios prejuízos para o aperfeiçoamento educacional, limitando formas ricas de prática social e educativa.

E mais ainda: existem problemas aparentemente "educacionais" (isto é, da competência das instituições educacionais) que jamais poderiam ser resolvidos sem a participação de toda a família. Justamente esses são os problemas mais cruciais.

Problemas que só afloram quando se constituem em problemas.

## O QUE FAZER?

A título de fornecer dados para a realização de uma autocrítica de cada um de nós, transcrevemos abaixo, em quadro separado, os resultados de uma pesquisa sobre a opinião dos pais dos alunos, realizada durante reunião dos pais e mestres, promovida pela Associação de Pais e Mestres do Colégio S. Vicente, no início do ano passado.

Ainda que respondida apenas por cerca de 20% de todos os pais do Colégio, a pesquisa evidencia a existência de uma série de interesses que, na verdade, não vem se realizando. Por quê?

De acordo com a resposta que cada um de nós dê a questão:

- 1 – o que fazer?
- 2 – como fazê-lo?
- 3 – quando o fazer?
- 4 – por que o fazer?

# A CENSURA ESTÁ MORTA?



Três centenas de peças teatrais censuradas, integral ou parcialmente, cinco centenas de livros impedidos de circular ou mutilados, um milhar de ordens telefônicas ou por escrito transmitidas às rádios e televisões, por mãos e vozes da Polícia ou da Censura, eis aí o balanço sumário das restrições à liberdade de manifestação, nos últimos 14 anos. Sem se falar no mais grave: o medo e a autocensura impedindo de vir à tona o impulso de criação científica, artística e literária dos brasileiros. Pensando nesta situação é que a Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente está programando, para princípios do próximo mês, a realização de Mesa Redonda sobre a Censura, em suas múltiplas manifestações. A iniciativa contará com a presença de escritores, artistas e profissionais liberais afetos à questão.

## MIL FIOS DA CENSURA

Ultimamente, com a amenização da censura, vem chegando ao conhecimento do público a avalanche de restrições à liberdade de pensamento e de manifestação que tomou conta do país, nos 14 anos após 1964. O próprio Prefeito do Rio de Janeiro, em demonstração de coragem, chamou para a Secretaria Municipal de Cultura um dos autores mais atingidos: Rubem Fonseca.

No entanto, a longa sobrevivência da censura, no interior de um sistema autoritário que se infiltrava em toda a vida nacional, deixa marcas profundas. Marcas que estão presentes nas relações entre pais e filhos, alunos e professores, chefes e subordinados, governantes e governados, criadores e público.

A Mesa Redonda que está sendo organizada pela Associação de Pais e Mestres procurará justamente ampliar o quadro para análise, acrescentando nele detalhes imperceptíveis à primeira vista.

Sugestões que os pais e alunos queiram fazer à Associação no sentido do aperfeiçoamento do encontro serão muito bem recebidas. Poderão ser transmitidas à direção do Colégio ou à diretoria da APM, por escrito ou oralmente. Vamos contribuir com a nossa pazinha de terra para enterrar um monstro?

# EDUCAÇÃO LIBERTADORA



Mal saído da cama, recebo telefonema de amigo que não via há anos:

- Como vai, Zé?
- Tintiando, rapaz.

E o amigo entra direto no assunto. Precisava de ajuda para preparar um trabalho de Sociologia da Organização, exigido pela professora como nota decisiva. Se tivesse êxito, se o trabalho fosse bom, a aprovação no curso de Administração de Empresa era coisa certa. Caso contrário, repetição inevitável no 2º ano na faculdade. Marcamos encontro para logo mais. Claro que eu ia ajudar.

Duas horas mais tarde, eu e meu amigo, diante do copo regorgitando de chope, dispomos estrategicamente os dados sobre o combate, isto é, para o trabalho decisivo de Sociologia da Organização.

Ele me conta o seu drama. Depois de muitos anos parado, sem estudar, resolvera entrar numa das 63 faculdades do Grande Rio.

— Estalo de consciência, não foi? pergunto eu, na ingenuidade de velho professor idealista.

- Que nada, Zé. Como você sabe,

adoro sair à noite, para bebericar. E como você sabe, a minha mulher é aquela mesmíssima fera. Venho lutando esses anos todos por um "habeas". Esgotei todos os recursos. E só me restou este: entrar para uma faculdade, à noite. No primeiro ano foi maravilha. Em vez de ir pra aula, ia pro bar. Sala de 100 alunos, quem ia notar a minha ausência? Colega que respondesse a chamada por mim não faltava. Como não faltava quem, por uns trocados, fizesse o trabalho caseiro mensal. No dia da prova final, me ajeitava. E os mestres eram compreensivos.

Lá veio minha pergunta inevitável: onde furara o esquema? E lá veio a resposta: na Sociologia da Burocracia, com sua professora incompreensível, que resolvera dar arrocho e exigir frequência identificada. Depois de muito suor, os alunos infrequentes lograram barganha: em troca da frequência, monografia em casa, caprichada.

A este arrocho devia o telefonema e o reencontro com um velho e querido amigo, agora empresário de êxito. Que fazer? Atender a consciência ou atender

o coração? Afinal de contas, a conjuntura é de abertura. E estava diante de um caso de repressão matrimonial. E mais ainda: as aulas tradicionais, a frequência tradicional, as provas tradicionais estavam caducas. Isso mesmo, caducas.

De pronto atendi meu coração. Caneta em punho, meu amigo reprimido anotou a minha fala de quinze minutos sobre Michels, Mosca e Pareto. Ligou para a secretária que, em breve, apanhava as anotações e encarregava-se de datilografá-las, no escritório, ornamentando o papel com sinais vistosos.

O meu amigo — já no quinto chope despedindo-se, abraçou-me comovido:

— Zé, você me salvou a vida. Sabia que você estava metido nesse negócio de educação libertadora e me salvaria a vida.

E voltando-se para o balcão:

— Garçon, a saideira, para comemorarmos a educação libertadora.

---

José Nilo Tavares

---

# FLORES MURCHAS

Pálidas crianças  
Mal desabrochadas  
Na manhã da vida!  
Tristes asiladas  
Que pendeis cansadas  
Como flores murchas!

Pálidas crianças  
Que me recordais  
Minhas esperanças!

Pálidas meninas  
Sem amor de mãe,  
Pálidas meninas  
Uniformizadas,  
Quem vos arrancara  
Dessas vestes tristes  
Onde a caridade  
Vos amortalhou!

Pálidas meninas  
Sem olhar de pai,  
Ai quem vos dissera,  
Ai quem vos gritara:  
— Anjos, debandai!

Mas ninguém vos diz  
Nem ninguém vos dá  
Mais que o olhar de pena  
Quando desfilais,  
Açucenas murchas,  
Procissão de sombras!

Ao cair da tarde  
Vós me recordais  
— Ó meninas tristes! —  
Minhas esperanças!  
— Meninas cançadas,  
Pálidas crianças  
A quem ninguém diz:  
— Anjos, debandai!...

## Manuel Bandeira

---

ANO  
INTERNACIONAL  
DA CRIANÇA

---



**a chama**

## **NESTE NÚMERO:**

**Carlos Drummond de Andrade**

**Manoel Bandeira**

**Educação libertadora em questão**

**Mudanças no vestibular**

**Vestibulando do S. VICENTE**

**Ano Internacional da Criança**

**O encontro de Puebla**

**Campanha da fraternidade**

**A censura está morta?**

**Opções dos pais na A.P.M.**

**O S. VICENTE visto pelos seus integrantes**

SPA. MARIA B. SOARES VINCENT  
RUA GAL. GLICÉRIO 355/202  
LABANUITIRAS - 20-01  
20000-RIO DE JANEIRO, RJ